

UM CATÓLICO ENTRE OS SUFIS

Autor: F. X. Halloran

1) O Mestre e o Discípulo no Caminho Sufi

Aqueles que entre nós foram educados no cristianismo, se tivermos de ser honestos, pensaremos nos discípulos de Jesus Cristo e ansiaremos por um status igual ao que deve ter sido o daqueles que seguiram o mestre por todos estes séculos na Palestina.

Mas a institucionalização da crença e da prática, e a interposição entre o homem e o Divino e de um mecanismo administrativo, se não considerarmos o bem que virá a estabelecer-se nas formas de comportamento, efetivamente devem ser consideradas como tendo pouca conexão com a fé e a prática diária dos discípulos que estudaram sob Jesus. Os estudantes modernos têm sido forçados a concluir que todo o aparato da Igreja (seja Cristã ou outra) é uma substituição da instituição do discipulato. O Cristianismo, tal como nós conhecemos, e a sua atuação hoje em dia, segue mais o padrão de uma religião estilizada; é a transformação ativa da humanidade, começando pelo indivíduo e medida por uma figura iluminada, e agora encontrada por nós somente por lampejos nos Evangelhos e outra vez - de alguma forma incongruente para muitos - nos tradicionais "Caminhos de Ensino" que são um anátema para a Igreja.

A causa da separação entre nós e o resto da humanidade, naturalmente, pode ser facilmente encontrada no passado nas decisões levadas a cabo para unificar e solidificar num monopólio a comunidade dos crentes, transformando-a numa Igreja que sozinha monopolizou os Sacramentos e que sozinha proclama ser infalível.

Se Mestres de ensinamentos espirituais fossem permitidos numa organização como esta, onde eles se encaixariam, sob que autoridade eles deveriam se colocar?

O autoritarismo é a chave. Tão logo surja uma administração suprema, seja nos Serviços Públicos ou assuntos religiosos, ou num partido político, o desenvolvimento da personalidade e da capacidade do professor teria que se conformar as limitações estreitas da doutrina. Não seria possível a um professor sugerir que não aceitasse as doutrinas administrativas e confessionárias que a organização monopoliza. Homens e mulheres seriam assim considerados hereges: na verdade houve muitos deste tipo na Igreja Cristã, como também em outros grupos confessionais.

Mas, desde que a dispersão Cristã não é o único agrupamento religioso que existe do qual nós temos farto material de estudo, somos capazes, pelo verdadeiro exercício do estudo da religião comparada, de ver que estes dois aspectos de Igreja (conseqüentemente da fé em geral) têm de se desenvolver no Ocidente como também se desenvolveu em países e culturas diferentes da nossa. Em outras palavras, a evolução da religião pode ser vista como um todo, como uma série de riachos movendo-se a partir de uma mesma fonte em direção ao mesmo oceano: represados aqui e ali pela freqüente e bem intencionada, mas raramente compreensível, decisão dos seres humanos: e o Cristianismo teve sua dose nisto.

Por que alguém como eu, da Tradição Cristã, se interessou em escrever um texto sobre, "O Mestre e o Discípulo no Caminho Sufi"?

Precisamente porque primeiro, os Sufis reconhecem Jesus como o modelo por excelência, e ao mesmo tempo negam que ele fundou ou planejou ter uma Igreja - ou uma série de Igrejas - que eliminaria a função de ensino da relação Mestre-Discípulo. Há hoje, na verdade, um vasto crescimento do número de pessoas, tanto dentro quanto fora das Igrejas Cristãs, que chegaram às mesmas conclusões dos Sufis: que, longe de querer abolir o relacionamento Mestre-Discípulo, foi este o caminho preferido pelo Fundador da Fé.

Esta "heresia", naturalmente muito bem aceita por alguns grupos, foi exemplo e é um anátema para aqueles que estariam psicológica e materialmente mais prejudicados pela aceitação destas idéias. Estes "grupos de interesse especial" conseqüentemente deveriam ser encarados como tais, enquanto examinarmos tanto suas próprias versões de que são um grupo de crentes, como as alternativas, tais como aquele dos Sufis, cujos propósitos históricos (e quem sabe se talvez por uma intenção mais elevada?) escaparam ao controle totalitário.

Em vista disto, a insistência dos Sufis em que Jesus era um deles parece quase fantástico para aqueles educados no ambiente Cristão ou Muçulmano. Para o Cristão, desconhecendo que a maioria dos dogmas da Igreja foram feitos pelo homem e não pelo "divino", mesmo que de maneira pouco discernível, a Igreja constitui a Cristandade. Para o Muçulmano, também, Jesus poderia ter sido um Profeta, mas não há necessidade de um Mestre do Caminho, muito menos um escolhido de uma religião concorrente. Se um dos maiores Cristãos pudesse dizer, e fosse respeitado por ter dito, "Eu aceito porque é impossível", então este parece ser, igualmente, um caso de crença, de que pode ser que haja alguma verdade em "Jesus o Mestre Sufi" - algo que parece incrível para os principais grupos de interesse envolvido: os Judeus, onde ele se originou; os Cristãos, que adotaram seus ensinamentos, da forma como eles puderam compreendê-lo e os Muçulmanos, que de acordo com sua fé, o sobrepujaram a uma nova Mensagem para completar a antiga, como eles dizem, corrompida.

Tradicionalmente, muitos apologistas Cristãos, examinando as idéias propostas da religião do Islão, tendem a encará-la como uma heresia Cristã. Aceitavam Jesus, mas negavam que ele fosse divino. Mas, se tais afirmações fossem toleradas como base racional para avaliar algo, então a base islâmica de que o cristianismo como é conhecido hoje (que, certamente, veio a existir muitos anos, seguramente muitas gerações, depois de Jesus) parece mais uma heresia Sufi do que qualquer outra coisa, poderia ser admitida? Talvez sim, e já o é por aqueles que não estão inteiramente doutrinados; estes a consideram uma verdade.

De qualquer forma, a noção de que o "Caminho Sufi" se aproxima mais da escola antiga de Jesus do que o moderno Cristianismo simplesmente não desaparece. Ao contrário, sinais desta afirmativa estão por todas as partes. A mais recente preocupação dos Gnósticos e de outras crenças sobre Jesus, afastados da corrente principal pelo triunfo de uma das seitas dos cristãos, reflete isto bem. Assim, também o é, o crescente respeito tributado aos professores Sufis do passado, nos escritos e outros trabalhos de estudiosos Cristãos atuais quando abordam o misticismo. Seria muito fácil, por exemplo, reunir um grande volume de textos de escritores Cristãos conceituados, que escreveram sobre os grandes Sufis e ecomendaram a espiritualidade de homens como Ghazzali e mulheres como Rabia Al Adawiya.

Deste modo, o relacionamento entre o aprendiz e o professor no meio Sufi, cada vez mais fascina os cristãos ocidentais. Seria possível perguntar se o Reino de Deus que está dentro de nós é a experiência mística ou a acessível cognição do divino? Seria possível que o ditado que diz que todos os homens são divinos esteja relacionado com o conceito Sufi de que há uma centelha divina em todos os seres humanos, e que a tarefa da humanidade não é tanto "ser salva", seja qual for o significado disso, mas ao contrário descobrir exatamente seu significado e experienciá-la.

Os teóricos Cristãos da Idade Média, obviamente, não estavam em posição de prever que um dia cientistas seriam capazes de explicar seus êxtases e sensações de fé - essas coisas consideradas como provas de verdade religiosa e até mesmo de "status" - e duplicar essas experiências em laboratórios. Os Sufis foram capazes de negar a natureza permanente dessas experiências e caracteriza-las, em uma terminologia admiravelmente familiar à psicologia contemporânea, como sendo ilusórias e induzidas por métodos bem conhecidos de excitação.

Este é o embaraço principal que um Cristão moderno sente quando vê documentos Sufis de mais de mil anos. Dependerá do que for mais forte - seu embaraço ou seu desejo pela verdade - a sua reação e manutenção de seu interesse pelo assunto.

O primeiro dever do Mestre Sufi, segundo o ensinamento dos Mestres clássicos, é "não realizar milagres, mas fornecer o que o discípulo necessita".

Nos dias de hoje, isto é muito mais difícil do que parece. Uma vez que leituras e uma crescente expectativa produziu uma massa de pessoas que está segura que sabe o que quer e que busca isso, incansavelmente. Não obstante, um exame dos clássicos também indica que o povo da antiguidade estava muitas vezes certo do que queria, e muito do tempo do Sufi era utilizado para explicar que o discípulo é a última pessoa que provavelmente sabe o que necessita, independentemente do que ele quer.

O discípulo depende do diagnóstico do Mestre e deve concordar e acreditar absolutamente em toda e qualquer ordem ou ensinamento recebido. Essa exigência desperta dúvidas tanto agora quanto nos séculos passados, especialmente entre numerosos nobres, até mesmo reis que se filiaram aos Sufis. O problema, porém, é facilmente resolvido por um conhecimento, muito comum entre os Sufis. Eles sabem que, o empenho e obediência totais do discípulo ao seu professor, em todos os detalhes, poderá estar além de suas forças, e portanto, qualquer empreendimento deste tipo, se não for apoiado devidamente será nulo e vazio.

É por isto que a iniciação Sufi chamada de "Assumir o Empenho", vem em duas partes: o Empenho Menor e o Empenho Maior. O Menor, apesar de parecer conferir amplos direitos sobre o estudante, é apenas um prévia do Maior. O estudante se compromete a obedecer em tudo, mas aceita-se tacitamente, que ele ainda não aprendeu a obedecer e que o desempenho adequado de sua função terá de esperar até que ele seja completamente capaz de honrá-lo. O Empenho Menor, por isso, é usualmente tido mais como simbólico do que qualquer outra coisa.

Quando ele for aceito através do Empenho, o aspirante entrará num noviciado que poderá se estender por não menos do que doze anos. Isto não significa que todo este

tempo será desperdiçado em monastérios ou centros de treinamentos: na verdade, quanto mais o discípulo deseja tal disciplina, menos ele será julgado como sendo capaz de exercê-la, até que tenha aprendido a não almejar pelas coisas, mas aceitar o ensinamento que pertence ao seu estado, de acordo com a assistência especializada oferecida pelo Guia ou Professor.

O ensinamento em si, como foi dito antes, pode assumir qualquer forma. Inicialmente, ele é designado de o "eu secundário comandante sob controle", de tal forma que o indivíduo cessa de ser uma presa de exigências interiores e estímulos externos. Isto não quer dizer que ele cesse de responder a tais coisas, mas é certo que ele responderá de uma forma diferente. Esta forma, se designa como sendo "por escolha", e não como sendo programada ou controlada por apetites ou por outras pessoas.

Ao mesmo tempo, a tarefa "remover os véus" é lançada. Isto envolve o caso de técnicas Sufis especiais para remover estes elementos que bloqueiam a percepção humana do divino. Se diz muitas vezes que estes elementos operam como isolantes. Eles existem, não necessariamente por causa de algo malicioso relacionado ao ser humano comum, tal como pecado original, mas porque, sem os meios para lidar com o conhecimento divino, a pessoa não seria capaz de reconciliar-se com a vida do dia a dia.

É freqüentemente aceito que a alma humana surgiu na Terra a partir de alguma origem cósmica. A fim de que isto pudesse acontecer, ela foi encoberta por véus e tornada assim, capaz de trabalhar e viver neste meio ambiente. Daí a frase muitas vezes citadas: "as almas que se conheciam, voltam a se conhecer outra vez, para se reconhecerem na Terra". Esta é também, a razão da pergunta feita por um Sufi a um estudante; "Você se esqueceu porque veio?"

Destas evidências é possível constatar que os Sufis dizem que, não apenas os seres humanos originaram-se em alguma galáxia distante, mas também que, quando eles "se lembram", todos se lembram das mesmas experiências, já que a vida presente é apenas parcial, estando o resto de seus ensinamentos cobertos de um tipo de amnésia.

A afirmativa de que todos se lembram intensamente do mesmo passado e dos seus próprios amigos distantes, indica algo da afirmativa acidental de que a experiência do despertar é objetiva: se cada um se lembra do passado como os demais, podemos dizer que esta seria uma prova de que o despertar Sufi deve ser genuíno, e não imaginado ou implantado. Se você e um número de outras pessoas se lembram das mesmas coisas, não é provável que isto seja uma memória real e não uma imaginação?

O discípulo deve passar por muitos estágios, freqüentemente descritos nos contos Sufis de uma forma dispersa. Há vários tipos de contos; alguns são chamados por eles de "estórias livrescas". Em alguns encontramos alusões ou descrições variáveis dos "Progressos da Alma do Peregrino". Uma destas é a "Conferência dos Pássaros", no qual os pássaros, sob a liderança de um deles, vão em peregrinação à fonte da sabedoria e constantemente questionam e se opõem ao seu líder.

Cada um dos pássaros representa uma função da mente. Certos cultos degenerados que derivaram dos Sufis, têm se apoderado disto para imaginar através de que etapas o indivíduo deve passar. Mas as fontes Sufis insistem que isto é apenas ilustrativo e não o caminho inevitável de todos os estudantes.

Há vários textos de livros muito abalizados nos quais os estágios e estados do Caminho Sufi com relação ao Mestre e o Discípulo são mencionados e às vezes detalhados. As diferenças em descrições e usos, que muitas vezes têm surpreendido os comentaristas, de acordo com as fontes Sufis, devem-se ao fato de que todos estes livros foram escritos em épocas diferentes para comunidades diferentes. O texto de Rujwiri foi escrito na Índia, o de Attar na Pérsia, o de Rumi na Turquia e o de Ibn-El-Arabi em Meca. É sublime a afirmativa Sufi de que o ensinamento deve ser perene, mas que devem ser reapresentados como novo, para cada tempo ou grupo de pessoas. Isto é algo que os que imitam os Sufis não são capazes de aprender, e suas limitações têm também sido transmitidas aos estudiosos no ocidente, que tomam todos estes livros como igualmente valiosos ou igualmente condutores a um caminho errôneo. O fato é que, valiosos como são, se alguém descobrir seu próprio caminho através deles, ele já será um Mestre, daí não necessitará deles.

É porém, interessante notar, que em todas as épocas e lugares os Mestres têm usado os livros um dos outros e os adaptado e feito antologias para uso em sua própria época. Este é o processo que, na época atual, está sendo empregado com tal sucesso e com tamanho aplauso pelo maior professor Sufi e especialista no momento, Idries Shah Sayed. Muitos de seus trabalhos existem em Inglês e outros em língua europeia, assim como em línguas orientais. Embora se diga frequentemente que sua ascendência ilustre e seus talentos especiais tornam isto possível, igualmente parece que sua habilidade para predizer que materiais são aplicáveis a quem e a onde (a especialidade Sufi) é responsável, por seu surpreendente efeito poderoso em tantas áreas da vida e do pensamento, tanto no oriente como no ocidente.

Os grandes centros de treinamento Sufi no passado, seja na Espanha, no norte da África, na Ásia Central, no Oriente Médio ou na Índia, têm tido sempre a reputação de apresentarem um "ensinamento por detrás do ensinamento", com uma escola de algum tipo e um mestre cercado de discípulos bem intencionados. Para as pessoas comuns, esta é a Escola. Mas para um Sufi, isto é geralmente, a face externa. Atrás dela está a escola verdadeira, para a qual os estudantes são designados quando lhes advém a aptidão para aprender, e não apenas a capacidade de se ajustar aos aspectos externos do que é supostamente visto como a Escola.

Em anos recentes, o desenvolvimento amplo de escolas de imitação e falsas tornou-se tão grande que os Sufis criaram uma sociedade (conhecida no ocidente como "Sociedade de Estudos Sufis") que constitui o único canal para a escola interior que está por trás dela. Se pensa frequentemente que estes Sufis deveriam aparecer às claras e anunciar pelo menos alguns dos muitos outros grupos Sufis, muitos dos quais são inúteis, ou uma perda de tempo para dizer o mínimo. Mas a resposta Sufi é interessante e certamente não pode ser julgada errada em termos clássicos. Com a concordância de seus antepassados, eles repetem as palavras que encontramos em textos Sufis muito antigos: "Onde há água doce, a criação se ajustará. Mas onde há vício ou vacuidade, pessoas vis e vazias serão atraídas".

Para o Sufi, portanto, é suficiente que esteja disponível uma fonte de verdade. As pessoas, eles acreditam, serão atraídas pelo que corresponder à sua natureza verdadeira. Com a assertiva de que o caminho para a escola genuína é tão claro quanto aquele que

conduz para as outras, as pessoas escolherão seu caminho para uma ou para outra, de acordo com suas tendências interiores.

O Mestre Sufi faz mais do que presidir sobre os mistérios e carregar seus discípulos através dos mesmos tipos de Zickr (exercícios). Em verdade, aqueles que fazem estas coisas, especialmente aqueles que se permitem fazê-lo mais de uma vez por semana, são geralmente denominados "infectados" (pelo mundo). Em outras palavras, estes, mesmo sendo um "quase" Sufi, caíram sob o poder da doença da repetição e do apego emocional que envolve toda a humanidade.

O Mestre Sufi organiza os estudos, cada um de acordo com seu tipo. Ele também planeja a fórmula externa de acordo com qual escola funcionará no mundo. Isto pode assumir qualquer forma aparentemente mundana. Ele também protegerá seus discípulos da calamidade, já que muitos desastres são evitados pela Baraka (força espiritual) do mestre. Seus seguidores serão incapazes, até que eles por sua vez se iluminam, de entender exatamente que carga o mestre carrega em favor deles. Embora os Sufis não falem muito sobre isso (algo que ajuda a aprova-los) já se disse uma vez: "É tamanha a carga do Trabalho, que se não fosse pelo fato do Mestre carrega-la quase toda, o discípulo pereceria por causa do peso".

De acordo com este ponto de vista, é por causa disto que, quando chega a compreendê-lo, o discípulo transformado Sufi, sente gratidão com relação a seu professor até o fim de seus dias. Durante o noviciado, porém, ele é incapaz de entender os sacrifícios e serviços do Mestre,; ele deve apenas assumir que existem. O serviço é o primeiro estágio do candidato a Sufi. A não ser e até que ele possa servir em qualquer nível ou capacidade que seu professor indique, ele não pode aprender de forma alguma, em qualquer sentido efetivo que seja.

Os Sufis têm uma interessante teoria acerca do serviço no desenvolvimento do discípulo. Eles dizem que, embora o serviço tenha de ser completado, é a atitude do serviço (e não a conseqüência dele) que fornece a preparação para a entrada da Baraka na mente do estudante. Em outros sistemas, as pessoas adquirem méritos que agradam a seres divinos, quando elas desempenham serviços. Os Sufis não servem apenas por causa disto, mas porque o serviço é o único modo de abrir a primeira porta para a iluminação.

Finalmente, a análise da vida de centenas de pessoas que viajaram em busca da sabedoria mostra que elas não a seguiram, porque, de acordo com os Sufis, ao invés de aprender (do livro ou do indivíduo que os colocou no Caminho) para onde ir e como buscar o Ensino, elas de fato apenas se contentam, de forma indulgente, com um tipo de "turismo" espiritual.

Esta é uma concepção interessante, em vista das constantes reivindicações dos auto nomeado "buscadores" que não sabem onde procurar. Os Sufis que foram interrogados sobre este ponto dizem: "Se elas não sabem onde procurar, então não são merecedoras de encontrar, pois o Ensino agora se expressa em todas as partes do mundo".

Autor: F. X. Halloran